



REVISTA Da FRUTA

Ano VII
Edição 24
Junho/2020
R\$ 15,00

revistadafruta.com.br O veículo de informação do fruticultor



Fechamento Autorizado. Pode ser aberto pela ECT

Mala Direta Postal
Básica
99123480212014-DR/SC
LS Editora
Jornalística Ltda.
CORREIOS

7
anos

Dos trópicos para o mundo: caminhos para destaque internacional

Impactos da pandemia nas exportações de **manga**

O **Covid-19** e a fruticultura do Vale do São Francisco

O Covid-19 e a fruticultura do VSF

João Ricardo F. de Lima, D. Sc. em Economia Aplicada, pesquisador da Embrapa Semiárido - joao.ricardo@embrapa.br

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, o vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) foi identificado pela primeira vez em seres humanos, se alastrando rapidamente por diversos países. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou pandemia, começando a quarentena. Neste cenário, a pergunta imediata foi: qual o impacto desse isolamento social na fruticultura irrigada do Vale do São Francisco – VSF, setor que movimentava os estados de Pernambuco e Bahia, no “miolão” do Semiárido?

Para a região, o mercado interno é o mais importante, já que apenas 15% da manga e 10% da uva produzida no Vale são exportados. A maior parte fica no mercado interno e é vendida para o CEAGESP-SP. Assim, a análise se concentra nas informações obtidas junto aos seus atacadistas. A percepção é que, num primeiro momento, a demanda cresceu muito: as famílias se abasteceram, pois não sabiam quando voltariam aos supermercados. Após o boom inicial, a demanda reduziu e houve dificuldade para encontrar compradores e alguns cancelamentos de pedidos. O período foi curto e voltou a um equilíbrio, porém, diferente dos anteriores, uma vez que houve mudança nos hábitos de consumo. As pessoas,

devido à quarentena, passaram a ir menos aos supermercados e a comprar em maiores quantidades. A demanda semanal, relativamente estável e com sazonalidade conhecida, passou a apresentar grande alternância. Assim, ficou difícil fazer o planejamento de quanto precisa ser a oferta de fruta para atender a demanda da semana. É bastante complexo um planejamento em períodos com tantas incertezas e riscos. Na média mensal, entretanto, as vendas não diferem muito de períodos anteriores à quarentena, o que é uma boa notícia.

Insumos como caixas, embalagens, cumbucas ainda não sentiram o efeito no setor, que é um importante “termômetro” da situação. Quando cai sua demanda é sinal de arrefecimento da fruticultura. Por enquanto, a única certeza é a elevação dos custos. Muitos são importados e o câmbio desfavorece as importações.

E em relação ao mercado externo? Para produtores com contratos junto às empresas no exterior, os envios aumentaram no início da crise. De forma semelhante ao caso brasileiro, os consumidores europeus também buscaram comprar mais alimentos. Depois da segunda semana de março, com o agravamento da pandemia e o fechamento de fronteiras na

Europa, ocorreu o travamento maior do mercado. Na segunda semana de abril, o cenário voltou a uma maior normalidade e a média não deve se alterar muito. A dificuldade existe para quem não tem contrato e depende de mercado *spot*, que está fechado. A logística se tornou mais complexa e mais cara, sendo quase inviáveis os envios aéreos devido à redução drástica de voos.

Do lado da demanda, pode-se afirmar que, até o momento (maio/20), o efeito do vírus na fruticultura do VSF teve um impacto menos duro comparado a outros setores. Contudo, ainda não é possível avaliar como será o segundo semestre, quando aumenta a produção na região.

Pesquisador João Ricardo, efeito da pandemia na fruticultura do VSF teve um impacto menos duro comparado a outros setores

